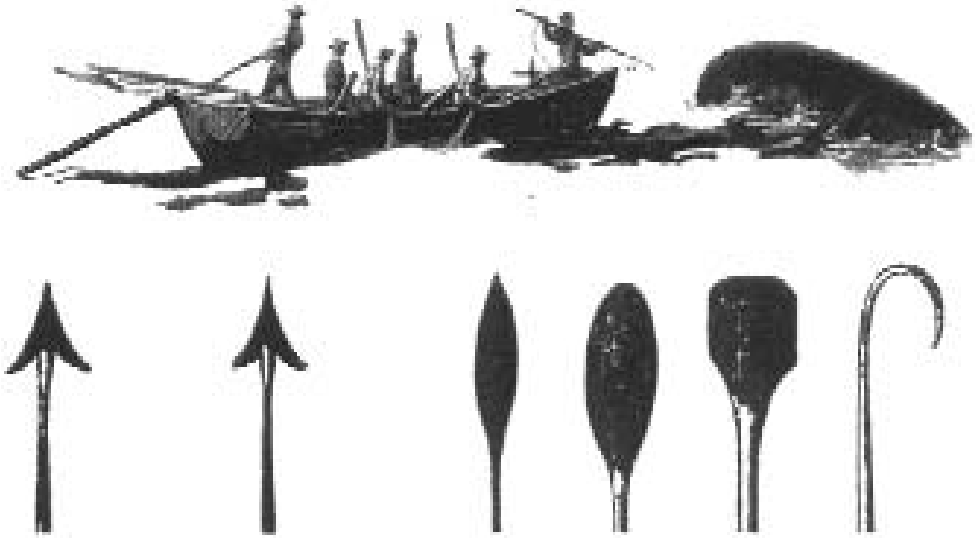
Os últimos caçadores de cachalotes no Atlântico Norte.



CLAUDE PAQUET

Os últimos caçadores de cachalotes no Atlântico Norte.

(reportagem publicada no jornal Le Devoir de Montreal em 13 de março de 1981)

Seis horas da manhã, amanhece, atravesso o cais. Dois homens fazem a mesma viagem na direção oposta, nós nos cruzamos. Os rituais "bomdia" são trocados com um sorriso. Apenas os cães parecem realmente ativos, procurando incansavelmente por comida com o focinho entre as patas.

Sete horas, o sol nasce no horizonte. Agora somos mais de dez andando por aí, conversando calmamente. Um homem com uma barba branca desgrenhada em um rosto envelhecido me olha com seus olhos verdes profundos. De repente, um foguete explode. É a euforia geral, damos tapinhas nas costas, apertamos as mãos, é quase uma festa. Haverá uma caça ao cachalote esta manhã. O mirante avistou um a poucos quilômetros da costa. É lançado o barco à vela da baleia. É exuberância, exceto por mim, ainda estou esperando.

O velho, com a barba por fazer, impassível, olha para mim, dando uma última tragada na bunda eterna. Aqui, ele é o homem mais respeitado, ele é chamado de "mestre", o mestre. Mais de quarenta anos de experiência em caça. Esperamos mais do que ele no barco. Pondo uma das mãos no casco, faz o sinal-da-cruz com a outra, volta a olhar para mim e acena com a cabeça em aprovação; Então, eu também vou participar da caçada.

Embarco, desabando de nervosismo no fundo da baleeira a motor que nos levará a quase meio quilômetro do cachalote. Instala-se agora um silêncio quase meditativo, doravante o gesto será a linguagem. Saímos do porto da Horta, capital da ilha do Faial no arquipélago dos Açores, um conjunto de ilhas perdidas no Atlântico Norte, quase o centro do mundo. Essas ilhas de basalto vulcânico

são um feitiço da natureza, de modo que tudo está imbuído de mistérios; paradas mágicas onde a vida foi mantida na pureza ancestral das tradições e onde a natureza manteve todos os seus encantos.

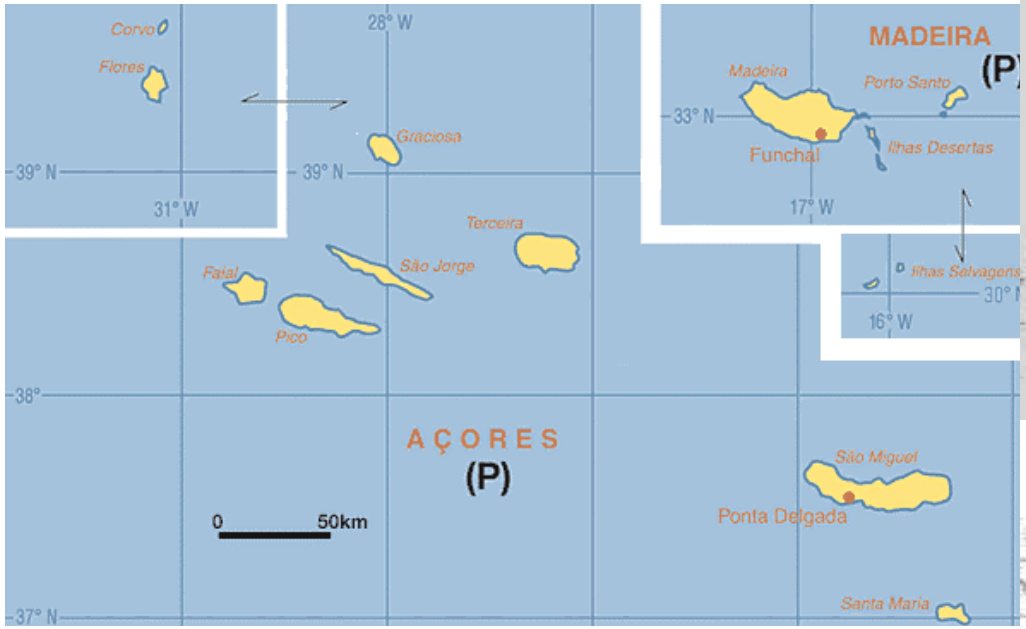
Desde 1832, os açorianos sempre caçaram o cachalote de acordo com o mesmo método, que aprendeu com os bascos e que mais parece uma corrida do que uma caça. Você tem que alcançar o cachalote escorregando entre as ondas e as ondas quebrando do Atlântico Norte, levantar o mastro com o braço estendido, içar a vela, aproximar-se silenciosamente, lançar o cachalote nos pulmões e se deixar ser arrastado e sacudido pelo monstro, um verdadeiro rodeio aquático, até a completa exaustão. E acima de tudo para se adiantar aos demais baleeiros das outras ilhas, também em busca do cetáceo. A caça, portanto, muito diferente das realizadas pelas fábricas baleeiras japonesas, norueguesas e russas que, graças à tecnologia avançada, monopolizam quase que totalmente esta indústria, que no entanto está sob embargo.

Historicamente, a caça à baleia nos Açores começou em 1760. Foi introduzida pelos americanos que aprenderam a técnica com os índios Nattick. Num ano, o arquipélago dos Açores tornou-se o mais importante local de escala, abastecimento e caça de mais de sessenta baleeiros em busca de cetáceos. Por causa do monopólio estrangeiro, a caça ao cachalote nunca foi realmente lucrativa para os ilhéus. Incapazes de competir com esta armada de caça, os açorianos desenvolveram um tipo de barco mais económico.

Em 1894, um habitante da ilha do Pico, de nome Marchello, construiu o primeiro barco de caça típico do arquipélago, uma obra-prima que combina estética e utilidade.

"É a embarcação aquática mais perfeita que já navegou para o mar", escreve o oceanógrafo Robert Clarke. Com dez a doze metros de comprimento, com asa de arpão e bujarrona, a baleeira açoriana

pode ser remada. É um verdadeiro tour de force porque tem cinco metros. Sete homens estão sentados a bordo, incluindo o "mestre" na



retaguarda, cuja tarefa é dirigir o barco e controlar a linha, enquanto o remador líder também atua como arpoador. Curtos e maciços como blocos de cimento, esses caçadores são as últimas testemunhas vivas de uma era fantástica que serviu de pano de fundo para o famoso Moby Dick de Hermann Melville.

O cenário de uma caça é sempre o mesmo. No verão, os vigias se instalam em postos de observação ao longo da costa e examinam o oceano para detectar a chegada de um cardume de cachalotes. Esses mirantes têm uma acuidade visual incrível e são, em sua maioria, ex-caçadores experientes. Eles podem, de seu posto de vigia, localizar a corrente de água dos cetáceos a quase trinta quilômetros de distância em um dia claro e podem até determinar o tamanho da espécie pelo volume de água dessa fonte. Assim que uma baleia é localizada, o vigia lança foguetes como se fosse um dia de festa para alertar os moradores. Os caçadores correm em seu barco baleeiro rebocado por uma "lancha", um barco a motor, para a área de caça. As duas únicas inovações modernas introduzidas foram o barco a motor e o rádio-telefone.A cerca de 300 metros do animal, a vela é içada, a caçada começa entre as montanhas-russas do Oceano Atlântico. Em pé na proa do barco, o arpoador febril espera o ângulo certo para lançar seu dardo de 1,5 a 1,80 metro de comprimento com ponta triangular. O cachalote ferido

mergulha a uma velocidade tão terrível que a linha deve ser borrifada para não pegar fogo. Uma luta incerta de dez horas acaba de começar. Se houver várias vitórias, também haverá tantas derrotas. Às vezes, o cachalote mais astuto mergulha antes do arpão ser lançado e desaparece nas profundezas abissais do oceano. Em outra ocasião, a corda deverá ser cortada após oito horas de luta por ordem do capitão porque o arpão não perfurou o pulmão do cetáceo. Muitas vezes voltamos ao porto exaustos e de mãos vazias sob o olhar de mulheres ansiosas que esperam ver seus maridos ou filhos tocarem a terra ilesos.

O corpo do cetáceo é rebocado em lancha até à fábrica da Armacoes Baleeiras Reunidas Lda. na ilha do Pico. Munidos de uma espátula comprida e afiada, os açougueiros do mar cortam grandes tiras de bacon levadas ao forno para tirar o óleo. Sob o efeito do calor, o bacon dos caldeirões se transforma em óleo. A fundição então despeja o óleo na água para resfriar o óleo e purificá-lo : o peso específico do óleo sendo menor do que o da água, ele flutua na superfície enquanto as impurezas afundam. Em seguida, é despejado em uma peneira e colo cado em barris. Outros trabalhadores trabalham para desarticular a mandíbula superior das baleias com barbatanas ou coletar os dentes de marfim da baleia cachalote.

A noite cai, o café ganha vida. A caça do dia é repetida e cada um tem seus comentários. Um vapor de aguardente perfuma o ar. Às oito horas, a gente discute muito, às dez caímos como moscas sob o efeito desse inseticida líquido. E isso é bom, não podemos viver com a ideia da morte vinte e quatro horas por dia. Portanto, temos que esquecer o perigo, esquecer os cento e vinte amigos que morreram na caçada desde o início. Esqueça que amanhã vai começar de novo ... talvez.

Cetáceos e humanos.

A caça à baleia e seus produtos derivados de carne, gordura e ossos estão no centro de nossa história. No início, a caça marítima era propriedade principalmente dos Inuit e contava com cinco espécies: a baleia, o narval, a beluga, a morsa e a foca. Os Inuit permaneceram ao longo da costa para caçar focas e baleias de que eram absolutamente necessários. A carne crua de focas e morsas era essencial para que se alimentassem e alimentassem suas matilhas de cães; a pele para fazer seus longos caiaques e botas impermeáveis, tiras e engates. Da baleia usaram, além do óleo e da carne, os ossos sólidos com os quais esculpiram as solas dos patins de seus trenós puxados por cães. O esqueleto imponente das baleias era usado como moldura para as casas e as barbatanas eram usadas na fabricação de redes de pesca, arcos e flechas.

Entre os séculos 12 e 14, Les Basques praticou a caça às baleias ao longo da costa entre Bayonne e Bilbao. Biarritz foi durante três séculos o porto mais importante para os baleeiros bascos. Incentivados por seus sucessos e pelo aumento da oferta e da demanda, os bascos começaram a perseguir as baleias em alto mar, navegando para o norte pelas costas da Europa para chegar à Islândia em 1412 (Ruspoli). Em contato com os ilhéus Viking e suas sagas, eles certamente souberam da existência de uma terra mítica, Vinland, onde as baleias se refugiariam. Da Islândia à América, há apenas uma etapa fácil para esses velejadores experientes. De acordo com dados historicamente reconhecidos, os vikings (nórdicos) se mudaram da Escandinávia no século 9 para a Islândia e a Groenlândia e subsequentemente continuaram suas explorações para o oeste para alcançar a costa de Labrador e a Ilha da Terra-Nova. Por enquanto e até prova em contrário, Helluland seria Baffin Land e Markland seria Labrador. A Baffin Land forneceu a ave mais apreciada para a falcoaria, ou seja, o falcão branco, enquanto o Labrador forneceu a madeira de que precisavam. Vinland ficaria em Anse-aux-Meadows (Terra Nova) onde Leif Eriksson, filho do famoso Eric o Vermelho, teria fundado, por volta do ano 1000, uma pequena colônia comercial chamada Leifsbudir, no coração de uma região reconhecida como prolífica em baleias e bacalhau.

Alguns historiadores pensam que os bascos, depois dos vikings, também teriam "descoberto" a América antes de Cristóvão Colombo e teriam mantido essa descoberta em segredo, querendo proteger seu monopólio da pesca do bacalhau e da caça às baleias. Os marinheiros bascos não eram nem exploradores a serviço do Estado, nem colonizadores, mas sim pescadores empenhados na atividade comercial, daí a importância de manter em segredo as prósperas rotas marítimas. (Jean-Pierre Proulx, 1986)

Por volta de 1526, várias dezenas de navios deixaram o País Basco para caçar baleias no Golfo e no Estuário de São Lourenço, na época de sua migração entre junho e agosto. Na costa de Labrador e Terra Nova, em direção ao estreito de Belle-Isle, arqueólogos desenterraram vestígios que demonstram a presença de fornos bascos para o tratamento de óleo "ballaine". Continuando a exploração da costa norte do São Lourenço, os bascos passaram a caçar baleias nas águas do arquipélago Mingan, a partir de 1550. O conde de Puyjalon anotou, no final do século XIX, em seu diário, as estruturas de alvenaria enquanto as escavações arqueológicas realizadas por René

Lévesque nos anos 1970 confirmaram o uso de um forno na Île Nue e na Île du Havre de Mingan pelos bascos. Île aux Basques, na margem sul do grande rio, tornou-se entre 1580 e 1860 o centro mais importante para o tratamento do óleo de baleia e de foca. Île aux Basques na costa sul, junto com Les Escoumains e Tadoussac na foz do Saguenay na costa norte, formaram o triângulo baleeiro marítimo mais prolífico no interior das costas canadenses.

Enquanto os normandos, os bretões e os Rochelois tinham embarcações de 50 a 100 toneladas, os bascos usavam caravelas de 200 a 400 toneladas montadas por tripulações de 40 a 70 homens. A bordo, eram utilizados para o trabalho da tripulação entre três e seis barcos de pesca (bacalhau) ou baleeiros de vinte ou trinta pés de comprimento, fundo plano e bordas alargadas. A técnica ancestral que desenvolveram durou até 1980.

Antigamente, o cetáceo malhado, o baleeiro, de 8m, 30c de comprimento por 1m, 80c de largura e sua tripulação: cinco remadores, um timoneiro e um arpoador, direciona a vela em direção à presa. A 200 metros do animal, a vela é baixada e os remadores assumem o comando até que o arpoador possa se apresentar. Após o primeiro golpe que perfura o pulmão, um segundo arpão é lançado com uma bóia que retarda o mergulho e cansa o animal. Em cada subida, a baleia é atingida novamente com dardos e dardos até a morte. Trazida de volta à terra, a baleia é abatida e o toucinho colocado no forno onde é coletada a gordura derretida, depois é colocado em uma peneira fina e o óleo é colocado em barris. (Bélanger, 1971)

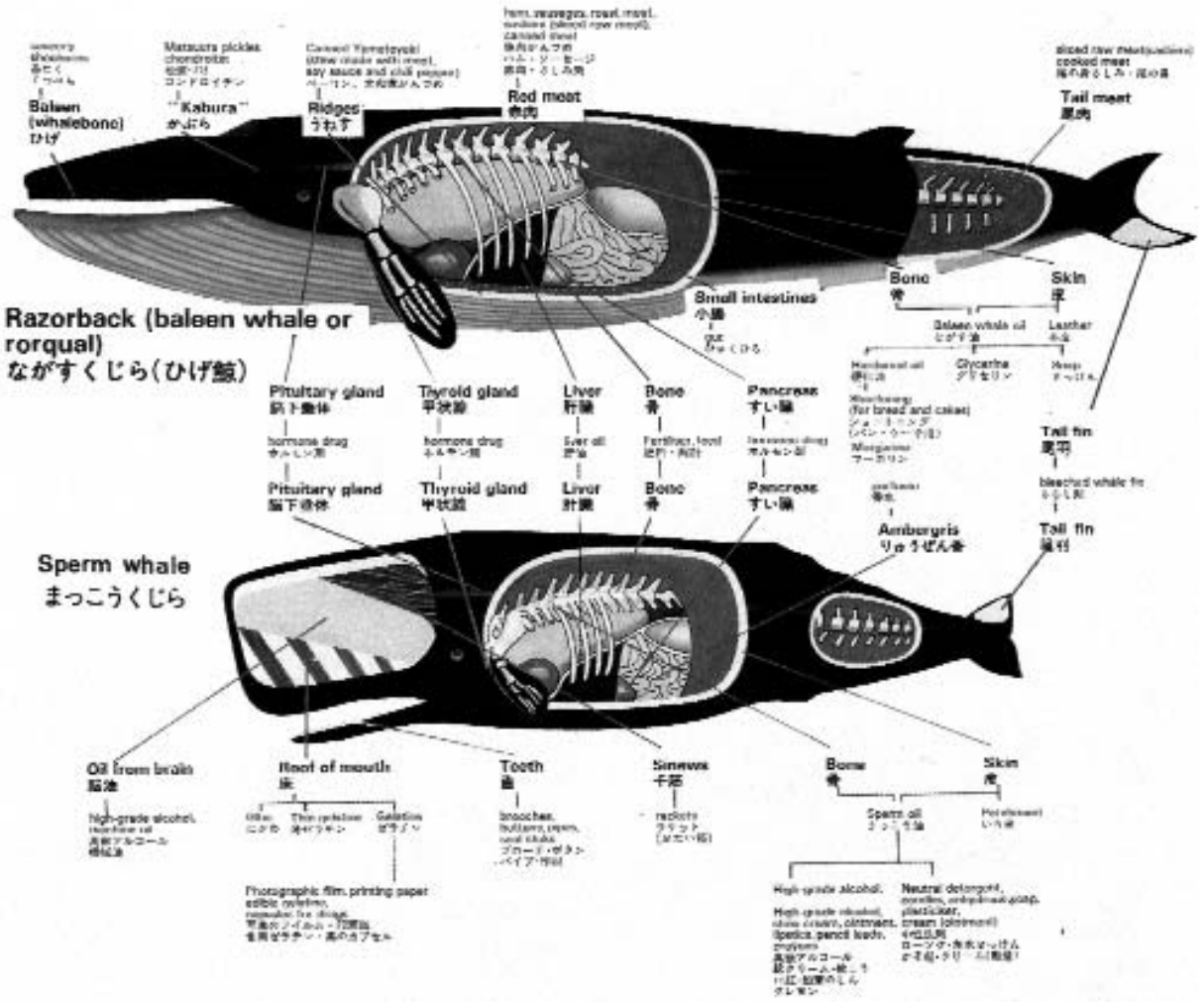
Além de construir fogões para o preparo do azeite, ali erguiam andaimes para secar o bacalhau por exposição ao sol. Os bascos foram os primeiros a trocar produtos manufaturados em troca de peles que os chapeleiros franceses cada vez mais exigiam. Para isso, eles transportam centenas de objetos de metal da Europa: facas, machados, panelas, mas também contas de vidro e roupas. No início, os bascos trataram-se cordialmente com os esquimós. Mas em 1610, o sequestro da esposa de um chefe esquimó, como na Guerra de Tróia, ateou fogo à pólvora. Ao longo do século, os bascos tiveram que se proteger e armar os navios contra a incursão dos esquimós. Por outro lado, as relações mantinham-se amistosas com os ameríndios, embora o padre Lejeune informe que um jovem basco foi comido por eles durante uma fome. Então, por volta de 1636, a guerra entre a Espanha e a França levou à requisição de navios e tripulações bascas. Os holandeses aproveitaram a oportunidade para contratar bascos para aprender a arte da caça às baleias. Em apenas alguns anos, o poderoso Noordsche Companie d'Hollande detinha o monopólio da caça na Groenlândia e em Spitsbergen. Amsterdã se torna o mais importante mercado europeu de petróleo e ossos de baleia.

Em 1685, o País Basco tinha apenas 721 marinheiros experientes, a força de apenas 18 navios. Então, por volta de 1700, a maioria dos bascos e outros baleeiros deixaram o Golfo de São Lourenço e seguiram os rebanhos de baleias agora concentrados na Groenlândia. (Frenette, 1996; Bélanger, 1971). Posteriormente, os baleeiros seguiram as rotas traçadas pelas baleias em sua jornada migratória, o que fez Yvan T Sanderson dizer : seguindo a baleia, o Ocidente descobriu e conquistou o planeta.

Por volta de 1688, enviados do rei da Inglaterra que vieram à América para estudar as condições econômicas das colônias americanas recomendaram, após o declínio das populações de castores e outros animais de pele superexplorados, fazer da caça às baleias o motor econômico dos Estados da costa leste . O óleo de baleia era de fato a única fonte de energia disponível para iluminar as casas e cidades da América então em plena expansão. Em 1748, a caça às baleias e o comércio de petróleo tornaram-se um fator poderoso no crescimento econômico americano e o coração desse próspero negócio estava localizado em Nantucket, uma ilha ao largo de Cape Cod que inspirou o famoso Moby Dick de Herman Melville. (Williams, 1988) Os caçadores americanos adoravam confrontar o tirano dos mares, o cachalote descrito pela seita religiosa dos quacres como o mal Leviatã da Bíblia. No entanto, este grande demônio possuía,

para sua grande desgraça, riquezas sem precedentes como dentes de marfim, âmbar gris muito procurados pelos perfumistas e espermacetes ou branco de baleia, também cobiçados pelos fabricantes de velas. (Cazeils, 2000) De fato, o branco da baleia dá a uma bela chama a mais clara e brilhante de todas e sua fama deu a volta ao mundo em tempo recorde enquanto a indústria de cosméticos descobriu o aroma almiscarado do âmbar cinza dos cachalotes e especialmente seu enorme poder de fixação natural essências.

A baleia estava se tornando muito procurada à medida que os industriais desenvolviam novos produtos comerciais. A guerra entre a Holanda e a Inglaterra por volta de 1780 foi um golpe fatal para a indústria baleeira de ambos os países e permitiu que os americanos assumissem o controle. Os grandes negociantes de petróleo lucraram muito com as inovações trazidas ao mercado pelos negociantes. Em 1850, a frota baleeira empregava mais de 70.000 homens. O grande período da caça às baleias, em que 80% dos animais eram capturados por baleeiros americanos, terminou por volta de 1900 (McHugh, 1974)



A gordura da baleia servia como condimento e era usada para fritar. O fígado e a língua eram os mais apreciados e comidos assados. A carne era usada como alimento animal. O óleo era um bom lubrificante para mecanismos de relógios e outros motores, além de fazer sabonetes e outros produtos excelentes, incluindo batons e outros cosméticos, nitroglicerina, pigmentos de tinta, tintas de impressão, inseticidas, etc. vernizes, cera, anticongelante, óleo de transmissão, gelatina . Ossos, couro e especialmente barbatanas também são usados para fazer uma série de vários objetos; o pênis de baleia, de 5 a 6 pés de comprimento, foi transformado em uma bolsa de golfe. Tanto que já podemos falar de uma era da baleia idêntica à do petróleo hoje, onde impérios se formaram em suas costas. Pense nas empresas de velas, fabricantes de almíscar, remédios, guarda-chuvas, escovas, espartilhos, botões e mais artisticamente, os escultores de marfim de cachalotes e cortadores de chifres.

Nesse sentido, no entanto, o Japão é uma exceção. Enquanto no Ocidente, apesar de várias campanhas promocionais, a carne de baleia dificilmente é consumida na Europa e na América, exceto em caso de escassez de carne como na Inglaterra em 1947. Apenas a

empresa norueguesa Kosmos conseguiu criar um mercado para ela. na forma de ração animal. A baleia azul foi exterminada para alimentar cães e gatos. É diferente no Japão, onde os hábitos culinários focados em frutos do mar conferem à carne de baleia um status alimentar único e muito apreciado, que substitui o consumo da carne bovina.

Todas as partes da baleia são usadas e comidas, os japoneses não desperdiçam nada. Onony, uma deliciosa carne da base do rabo, é usada principalmente em sashimis picados e comidos crus. Akaniku, carne vermelha do dorso e da barriga é usada para grelhar ou transformada em presunto e salsichas misturadas com munaniku (peito) e aburasunoko (barbatanas) Um e sunoko, carne e gordura dos sulcos entre a mandíbula e a barriga formam o bacon de baleia. Os ácidos graxos do óleo formam margarina. Finalmente, kohige (goma), fukiwata (pulmão), kyakuhiro (intestino delgado), mamawata (rim), takeri (pênis) e kaburabone (cartilagem do nariz) são os principais cortes e pratos. (Itabashi, 1986)

Ironicamente, foi a descoberta de petróleo em 1851 que salvou a baleia da extinção completa. Substituindo gradualmente o óleo de baleia como combustível, o petróleo, principalmente o querosene, inaugurou uma nova era. Os preços do óleo de baleia caíram enquanto os custos operacionais aumentaram. Um por um, os baleeiros foram atribuídos a outros negócios ou simplesmente descartados. O renascimento da caça no século XX corresponde à invenção do arpão e da cabeça explosiva pelo norueguês Swend Foyn e sobretudo ao aparecimento em 1925 de navios-fábrica com rampas inclinadas na retaguarda que permitiram a expansão da grande odisseia marítima em todos os mares árticos e antárticos. Esse navio-fábrica poderia lidar com mais de 2.000 baleias em uma única viagem de pesca. A partir desse dia, a Noruega tornou-se um jogador importante e em poucos anos estabeleceu postos de caça em todo o mundo. Já em 1913, o Doutor Charcot soou o alarme e denunciou publicamente a carnificina desavergonhada de cetáceos e exigiu que um acordo internacional fosse rapidamente assinado para garantir a proteção de bezerros jovens e estabelecer zonas de proteção. (Cazeils, 2000)

A experiência da Primeira Guerra Mundial demonstrou que o suprimento de gordura era o calcanhar de Aquiles da Alemanha. Hitler entendeu a lição e em 1933 anunciou sua intenção de construir uma frota baleeira. Todas as padarias e restaurantes foram forçados em 1935 a usar margarina com óleo de baleia. Este decreto mostrou claramente que a Alemanha nazista estava estabelecendo uma economia de guerra.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a necessidade de óleo de baleia aumentou enormemente, não apenas para compensar a escassez de gorduras vegetais, mas especialmente porque o óleo de baleia é essencial para a fabricação de nitroglicerina explosiva na indústria. Em 1938, um ano recorde, 55.000 cetáceos foram mortos. Diante do massacre anunciado, foi criada em 1946 uma Comissão Baleeira Internacional, na verdade um clube baleeiro que visa reconstruir a indústria baleeira seriamente afetada pela Segunda Guerra Mundial. Durante anos, esta Comissão ignorou os conselhos de seus próprios assessores científicos sobre os riscos de extinção das baleias, enquanto países como Islândia, Noruega, União Soviética e Japão ignoraram as sanções inócuas decretadas por uma organização sem poder. Somente em 1986, sob pressão de governos cada vez mais preocupados porque sua população estava mais bem informada, foi lançada uma moratória para proibir a caça comercial de grandes cetáceos.

Desde o início, a Comissão foi influenciada por considerações econômicas, e não pelos requisitos de conservação das espécies reivindicadas pelos ambientalistas. Dezenove países aderem a ele, estabelecem cotas, mas não conseguem aplicá-las. Hoje, alguns países como a Noruega e o Japão estão tentando contornar a moratória contra a caça comercial à baleia sob o pretexto de estudos e pesquisas científicas, quando na realidade é uma caça comercial disfarçada. A luta pela sobrevivência dos cetáceos está longe de termi-

nar. Em 17 de outubro de 2006, a Islândia anunciou sua intenção de retomar a caça comercial de baleias e, alguns dias depois, uma primeira baleia foi morta e massacrada. Tudo tem que ser reiniciado.

As baleias são para nós o símbolo do mundo selvagem. Ainda assim, cetáceos, golfinhos, baleias assassinas, botos, baleias beluga, cachalotes e baleias são seres "civilizados" que conhecem canto e música e se comunicam entre si em uma linguagem desenvolvida, para não dizer sofisticada.

E, no entanto, estamos mais inclinados a contemplar a existência de seres inteligentes em outros planetas e galáxias do que em nosso próprio planeta. Quantos escritores de ficção científica criaram histórias de mundos paralelos e civilizações galácticas sem nunca perceber que tal cenário estava se desenrolando na Terra agora?

"Talvez devêssemos agora estabelecer uma nova categoria de animais, completamente separados do homem, mas com inteligência, organização social e uma consciência comparável à do homem. Se tivéssemos humildade suficiente para aceitar essa possibilidade, talvez descobriríamos que estamos à beira de uma nova era de compreensão da vida. " (Horace Dobbs, 1977)

Os cetáceos estão presentes em todas as lendas das diferentes civilizações humanas. Para o Inuit, o homem simboliza a virilidade sexual e a mulher, a mãe adotiva e protetora. Entre os gregos antigos, diz a lenda que os cetáceos eram mensageiros em relação direta com os deuses e a virtude personificada, o amor aos homens e a alegria de viver. Plínio, o Velho, um estudioso romano, inscreve essa relação entre homens e golfinhos sob o signo da amizade e da fidelidade. Os povos polinésios também reverenciam os golfinhos porque foram eles que os guiaram pela vastidão do Oceano Pacífico até as ilhas férteis e que salvaram os navegadores Maori de se afogarem em um ciclone, carregando-os nas costas para 'na costa da Nova Zelândia. Tanto entre os índios do Canadá quanto entre os Incas do Peru, a força e a coragem da orca ou baleia assassina são enfatizadas em várias mitologias. Uma lenda Nootka, índios da Colúmbia Britânica, conta que um lobo branco, dotado de poderes sobrenaturais, se transformou em uma orca. Desde aquele dia, as baleias assassinas foram avistadas brancas e se movem em matilhas como lobos. Na tradição islâmica, a baleia é o ser que sustenta a flutuação da terra nas águas e sobre a qual se baseia a criação do mundo. Quando ele se move, seus movimentos causam terremotos.

Bibliography.

BÉLANGER René (Mgr), The Basques in the St. Lawrence Estuary, University of Quebec Press, Montreal, 1971.

CAZEILS Nelson, Ten centuries of whaling, Éditions Ouest-France, Rennes, 2000

DOBBS Horace, Follow a Wild Dolphin, Souvenir Press Editions, London, 1977

FRENETTE Pierre, History of the Côte-Nord, Les Presses de l'Université Laval, Quebec, 1996

ITABASHI Morikuni, Whale Meat as Food, Brief Perspective, Japan Whaling Association Edition, Tokyo, 1986

MCHUGH, JL, The Whale Problem, The Role and History of the International Whaling Commission, William E. Schevill Publishing, Harvard University Press, Cambridge, 1974

PROULX Jean-Pierre, Whaling in the North Atlantic, Parks-Canada Publishing, Ottawa, 1986

SANDERSON Yvan T, Follow the Whale, Cassel Publishing, London, 1958

WILLIAMS Heathcote, Des baleines, Éditions Aubier, Paris 1988

* All photos are by the author © Claude Paquet

Illustration Azorean flag and coat of arms of the Azores archipelago page 1: © Pascal Gross Illustration page 5: © Diana Mac Intyre - Elsa Éditions
Illustration on page 6: Musée de la civilization de Québec - Elsa Éditions
Illustration on page 9: Japan Whaling Association
Illustration page 11: unknown - Elsa Éditions